O CANTOR DO SOLIMÕES

Genesino BRAGA

Saudaram, os cearenses, por seus poetas, seus beletristas, seus homens de pensamento e sensibilidade, a data de 24 de junho de 1973, centenária do nascimento de Quintino Cunha. Conferências, discursos, tertúlias, ensaios biográficos, evocação do artista e sua obra, foram, entre outras tantas coisas lindas, os louvamentos, as louvações, com que a intelectualidade da terra-berço de Alencar recordou, naquela data, o lírico cantor do "encontro das águas" cá dos nossos rios Negro e Solimões.

E isso não só na doce e ensolarada Fortaleza dos "verdes mares bravios", com ponto alto nas reverências do Instituto do Ceará (a egrégia Casa do Barão de Studart), da Academia Cearense de Letras (a que pertencera o poeta), e do Conselho Estadual de Cultura, — mas, por todo o Brasil, e pronunciadamente no Rio de Janeiro, com as homenagens da Sociedade dos Homens de Letras, pela palavra de Renato Sóldon; do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, com um panegírico do criminalista Oswaldo Sousa Vale; do Conselho Federal de Cultura, alí falando o Reitor Djacir de Menezes; e da Academia Brasileira de Letras, em conferência do acadêmico Raimundo Magalhães Júnior.

O Amazonas, que teve na poética de Quintino Cunha uma das mais galantes exaltações líricas de suas belezas naturais, não quis, de certo, perturbar a beatitude perene e suprema que, poeta, ele goza entre os belos mitos eternos do Nirvana, — e, assim, deixou que somente o estuar das duas caudais, naquele "abraço" eterno de suas águas, celebrasse o acontecimento.

Cerca de cinco anos vivera entre nós Quintino Cunha. Aqui chegara em 1902, guiado certamente por sonhos altos de fortuna, como tantos outros. Contando 28 anos de idade, era já autor de duas pequenas obras: um livro de Contos, "Diferentes", prefaciado pelo jurista e filósofo Farias

Brito; e uma elegia intitulada "A Morte do Cabeleira". Homem de bons recursos oratórios, humorista, prosador fluente, bardo autêntico, militou na imprensa amazonense. Tirando carta de Advogado Provisionado, adornou o exercício da profissão com os recursos do seu intelectualismo. Diz dele um contemporâneo: "Sempre foi visto na defesa dos humildes, jamais aceitando acusações, porque alegava, "Somente na praça pública acuso os réus nacionais".

Foi no exercício da advocacia que Quintino Cunha percorreu vários rios do Amazonas, principalmente o Solimões. Este gigante potâmico, de tanto o poeta subi-lo e descê-lo, nos "gaiolas", vezes sem conta, passou a ser um dos seus afetos, chegando mesmo a dar seu nome ao livro de poemas que ele compusera ao longo de seus barrancos: "Pelo Solimões".

Não só os rios, também as praias ("Branca toalha de Deus ao sol corando); a vazante ("Tanta poesia, tanta graça em tudo"); as garças ("é o ponto branco da pulcra posição: — a ave é a poesia"); a borboleta rósea ("Fechando e abrindo as asas, cuidadosa,/ como um casal de pétalas de rosa / Que fossem vivas e que namorassem! . . "); o Irapuru ("Começa em canto a natureza amando / E acaba a festa inteiramente amado"); e também as florestas, as piracemas, as lendas, os sáurios, os répteis, o boto, a enchente, a seringueira, a castanheira, os lagos, os tótens, os mitos, as cataléias, — tudo o que enche de mistério, de magia, de encanto, de beleza e de harmonia a vida ecológica do mundo amazônico Quintino Cunha exaltou em seus poemas, nos poemas que ele enfeixou, afinal, no volume a que deu o nome "Pelo Solimões (Versos norte-brasileiros)".

Esses versos, escritos no ir e vir das muitas viagens ao Solimões, levou-os o poeta, no original, quando viajara em 1907 a Paris. Na capital da França, fazendo amizade com Emile Faguet, Presidente da Academia Francesa, com Richepin Filho, com Pichon, então Ministro do Governo, imprimiu o livro na Tipografia Aillaud. Temos em nossa estante um exemplar dessa edição tão preciosa. "Pelo Solimões" é constituido de 4 partes: "O Firmamento" (À guisa de prólogo); "Aquatéis" (primeira coleção); "Florestais" (segunda coleção); e "Aldeias". Contém 328 páginas, mas as 40 últimas são ocupadas com as notas explicativas dos temas versejados e dos termos regionais empregados.

Em sua musa, não se farta o poeta de exaltar o Solimões. Chama-o "Um vasto espelho de moldura verde / Onde o Céu tem costume de mirar-se". "O território desse rio imenso, / Sem marcos miliários confinantes,

/ É um país ideal, cheio de assombros, / E de verdades e de encantos cheio!".

No livro "Pelo Solimões", na página 86/88 da 1a. edição (1907), é que foi publicado pela primeira vez o poema "Encontro das Águas (Rio Negro e Solimões") que consagrou o poeta na admiração de todas as gerações de amazonenses, pelo alto teor de galanteza e ufania regional que ele soube conciliar naquelas estrofes. Muito conhecido, freqüentemente publicado, o poema já hoje está deslocado do florilégio amazônico para servir de repasto emocional ao turista deslumbrado, nas visitas de todos os dias ao local do soberbo espetáculo que nos é oferecido pelas duas portentosas caudais, no rebojante encontro de suas águas. Declamemo-lo, bem alto, mais uma vez, neste centenário do inspirado cantor do Solimões:

Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este
É o Rio Negro, aquele é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe.
Como as saudades com as recordações.

Vê como se separam duas águas,
Que se querem reunir, mas visualmente;
É um coração que quer reunir as mágoas
De um passado, às venturas de um presente.

É um simulacro só, que as águas donas
Desta terra não seguem curso adverso,
Todas convergem para o Amazonas,
O real rei dos rios do Universo;

Para o velho Amazonas, Soberano
Que, no solo brasílio, tem o Paço;
Para o Amazonas, que nasceu humano,
Porque afinal é filho de um abraço!

Olha esta água, que é negra como tinta,
Posta nas mãos, é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.

Aquela outra parece amarelaça,
Muito, no entanto é também limpa, engana;

É direito a virtude quando passa
Pela flexível porta da choupana.

Que profundeza extraordinária, imensa,
Que profundeza, mais que desconforme!
Este navio é uma estrela, suspensa
Neste céu dágua, brutalmente enorme.

Se estes dois rios fôssemos, Maria,
Todas as vezes que nos encontramos,
Que Amazonas de amor não sairia
De mim, de ti, de nós que nos amamos! ! . . .

De Paris, Quintino Cunha voltou para Fortaleza e ali se bacharelou em Direito em 1909. Advogou no foro criminal, logrando fama pela sua oratória. Além da tribuna do júri, conseguiu êxito nos comícios públicos e em festividades. Boêmio incorrigível, tornou-se popular com as suas piadas de espírito. Sempre viveu em meio às maiores dificuldades financeiras, agravadas pelos encargos de família numerosa e sucessivos casamentos. Foi deputado à Assembléia Legislativa do Estado, em 1913 e 1914. Faleceu aos 70 anos de idade, a 1o. de junho de 1943, em Fortaleza, seu "berço querido", ao qual ele proclamara, certa vez, em um poema: "Cem anos mais que eu vivesse / Dá-los-ia a quem quisesse / para em teu seio morrer".